

MÚSICA QUE NÃO VERÁ: MOVIMENTOS MUSICAIS E DITADURA MILITAR NO BRASIL DO SÉCULO XX

Felipe Bonates Tavares ¹

Rayssa Tiffany de Moura Castilhos²

Mária Eduarda Couto Gomes ³

Marcelo Cordeiro Nascimento ⁴

O projeto de extensão em questão está voltado para a análise crítica da relação entre três movimentos musicais do século XX (a Jovem Guarda, o Tropicalismo e a MPB) e a ditadura militar iniciada como golpe de estado em 1964. A ideia do projeto surgiu a partir de leituras e discussões sobre como o ambiente político influencia a produção artística e cultural em um país, e vice e versa: o Brasil dos anos 50, por exemplo, tinha como principal representante o presidente Juscelino Kubitschek que, por seu perfil considerado inovador e ousado, era chamado de o “Presidente Bossa Nova”. Essa antonomásia também evidenciava o sucesso do estilo musical no contexto anterior ao golpe militar, dentro da visão de crescimento e desenvolvimento da nossa nação. No caso da Jovem Guarda, movimento do final dos anos 50 e começo dos 60, havia uma associação com a alienação política. No entanto, alguns artistas desse movimento se associaram ideologicamente ao regime militar, como é o caso do grupo Os Incríveis que gravou uma canção (“Eu te amo, meu Brasil”) enaltecendo o país, justamente naquele momento historicamente crítico. De outro lado, a Tropicália, por conta de seu caráter disruptivo, também foi vista, inicialmente, como politicamente irrelevante, até que seus líderes, Caetano Veloso e Gilberto Gil foram presos pela ditadura e exilados em Londres em 1968 – mesmo ano da decretação do AI-5, que radicalizou o processo político em vigência, com cassações, prisões, torturas e assassinatos –, evidenciando o incômodo que a liderança daqueles dois artistas baianos causava no status quo nacional da época. No que concerne à MPB, não havia dúvidas com relação à postura contestatória desse movimento musical contra a ditadura militar. Artistas como Geraldo Azevedo, que chegou a ser torturado, e Geraldo Vandré sofreram com a repressão. No entanto, um dos que mais incomodavam o governo militar era o cantor e compositor Chico Buarque, principalmente na pele de Julinho de Adelaide, pseudônimo criado para driblar os censores. Canções como “Jorge Maravilha” e “Apesar de você” faziam uso de metáforas que conseguiram passar pelo crivo dos censores, e das censoras como a famigerada Dona Solange. Buarque fazia uso da sua habilidade com as palavras para driblar os censores. Apesar dos Geraldos e Chico, outros artistas do estilo, como Wilson Simonal e Elis Regina acabaram criticados

¹ Aluno do Curso Técnico em Eletromecânica Integrado ao Ensino Médio do IFC Campus Blumenau:
bonatestavaresfelipe@hotmail.com

² Aluna do Curso superior em Pedagogia do IFC Campus Blumenau:
rayssatmc@gmail.com

³ Aluna do Curso superior em Pedagogia do IFC Campus Blumenau
mariagomes.ifc@gmail.com

⁴ Professor EBTT de português brasileiro e inglês do IFC campus Blumenau:
marcelo.nascimento@ifc.edu.br

por suas relações de proximidade com o regime militar. Com relação à Elis, o Pasquim, tabloide nacional oposicionista, realizou um enterro metafórico da artista. No caso de Simonal, foi praticamente o fim de sua carreira que coincidiu com a derrocada da ditadura e o restabelecimento da democracia, após 20 anos.

Destacamos que, com a realização do projeto, buscamos estimular a discussão sobre a necessidade de analisarmos criticamente momentos políticos, históricos, artísticos e culturais de nosso país para que, cada vez mais nos conheçamos enquanto povo. Dessa forma, poderemos evitar que a democracia seja novamente ameaçada – como, recentemente, ocorreu no começo de 2023 –, pois ela é, na verdade, um processo constante e ininterrupto que deve ser aprimorado a todo momento.

Palavras-chave: Brasil Política, Ditadura militar, Bossa Nova, Jovem Guarda, Tropicalismo e MPB.